



EQUIPAS DE COORDENAÇÃO
DOS APOIOS EDUCATIVOS
PORTO 42- PORTO 43

**PROJECTO DE
UNIDADE DE APOIO A SURDOS
PORTO OCIDENTAL**

ANO LECTIVO 1999/ 2000

INDICE

INTRODUÇÃO	3
DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE	4
1- Global	4
2- Por Escola	7
2.1- Jardim de Infância do Carriçal	7
2.2- Escola EB1 n.º 73.....	8
2.3- Escola EB1 n.º 97.....	10
2.4- Escola EB1 n.º 149.....	12
2.5- Escola EB 2/3 Paranhos.....	13
2.6- Escola Secundária Infante D. Henrique.....	14
2.7- Escola Secundária Soares dos Reis.....	15
PROPOSTA DE UAS	17
1- Estrutura organizativa.....	17
2- Recursos humanos necessários.....	19
3- Recursos materiais necessários.....	20
REFLEXÃO FINAL	21

INTRODUÇÃO

O presente documento pretende assumir-se como a proposta de criação da Unidade de Apoio Especializado a Crianças e Jovens Surdos- UAS Porto Ocidental.

Surge na sequência de uma reflexão aturada sobre o funcionamento dos apoios educativos nesta área e face ao desafio colocado directamente aquando da realização do Círculo de Estudos “Pensar a educação dos Surdos” realizado no Porto, no ano lectivo de 1998/ 99.

Nesse contexto foi elaborado um primeiro documento posteriormente discutido pelos diversos docentes directamente implicados na eventual concretização desta Unidade.

Com o seu contributo reflexivo se chegou ao presente documento.

Ele inicia-se com a caracterização da situação existente em 1998/ 99 no que toca ao apoio aos alunos com deficiência auditiva e surdez. Ela foi efectuada, em grande parte, no decurso de reuniões realizadas nesse ano lectivo.

É ainda complementada por uma especificação das situações particulares de cada escola fundadora da UAS.

Com base na análise desta situação apresenta-se, depois, em pormenor, a proposta de criação da UAS nomeadamente nas suas componentes organizativas, de recursos humanos e materiais.

Finalmente elaboram-se algumas pistas reflexivas globais.

DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO EXISTENTE

1- Global

Até ao final do ano lectivo 1998/ 99, existia, na cidade do Porto, apoio a deficientes auditivos e surdos em várias escolas dos diferentes ciclos do Ensino Básico e no Ensino Secundário e Educação Pré- escolar.

Os professores e educadores de apoio educativo articulavam o seu trabalho com três diferentes Equipas de Coordenação, reunindo-se separadamente e por agrupamento horizontal.

Esta distribuição resultou do percurso histórico do atendimento na área do Porto e, nomeadamente, do processo de dessectorização verificado nos anos 80. Assim, os professores de surdos estavam envolvidos numa dinâmica de teor semelhante à dos apoios a outras problemáticas.

Deve salientar-se, ainda, o facto de não existir, em nenhuma das zonas das Equipas de Coordenação dos Apoios Educativos (ECAE) do Porto uma sequência de atendimento havendo, a meio do processo educativo, mudança da responsabilidade para outra ECAE. Neste percurso do aluno há informações que se perdem e nitidamente falta de articulação apesar do empenhamento pessoal e profissional de todos.

Simultaneamente esta dispersão impossibilitava uma reflexão aprofundada e actualizada sobre os novos desafios que se colocam à deficiência auditiva e à surdez, nomeadamente com o reconhecimento constitucional da Língua Gestual Portuguesa.

Foi tendo em consideração as questões acima expostas que se iniciou, no ano lectivo de 1998/99, um processo de aproximação entre diferentes docentes que trabalham com alunos surdos na cidade do Porto.

Em primeiro lugar, tentou-se romper o agrupamento horizontal, na área da ECAE Porto 42 tendo-se feito reuniões entre os professores de apoio educativo

a surdos de diferentes níveis, nomeadamente, Jardim de Infância Cedofeita n.º 1, Escola EB 1 n.º 149 e EB 2/3 de Paranhos.

Estas reuniões foram também alargadas aos docentes da ECAE Porto 43, nomeadamente da Escola EB1 n.º 97 e Escola Secundária Infante D. Henrique.

Este convite, sendo informal, não permitiu que os professores pudessem estar sempre presentes, devido a sobreposição de horários.

Esta dinâmica não foi estendida à ECAE Porto 44 por entretanto se ter verificado que ela se iria articular com outra zona.

Nessas reuniões, realizadas na EB 2/3 de Paranhos, em 2 de Fevereiro, 2 de Março, 21 de Abril, 4 de Maio e 1 de Junho de 1999 foi possível discutir alguns dos problemas que se colocam ao trabalho com alunos surdos.

Assim, constata-se, globalmente, um decréscimo nas competências linguísticas e académicas dos alunos denotando grandes insuficiências em conceitos básicos elementares.

Muitos alunos surdos têm uma comunicação muito rudimentar, tanto a nível de Língua Portuguesa (oral e escrita) como a nível da Língua Gestual portuguesa.

Tal situação faz realçar a necessidade, por um lado, de se definirem competências básicas para transição de ciclo e por outro, de dar uma atenção muito especial à escrita como meio de acesso à comunicação.

Outro problema fortemente equacionado teve a ver com as estratégias aplicadas, na sala de aula, face a uma maior evidência da comunicação gestual. O professor vai tentando utilizar um pouco de comunicação oral e um pouco da comunicação gestual que domina mas isto demonstra-se insuficiente para o desenvolvimento real de capacidades linguísticas.

A presença de um mediador surdo adulto foi apontada como bastante importante para o processo desenvolvimental da criança. Por um lado, iria permitir a existência de um banho linguístico gestual mais adequado e, por outro, seria um modelo de identificação para a criança e jovem surdos.

Esta situação é tão mais importante quanto a constatação de que a maior parte dos alunos surdos são filhos de pais ouvintes não tendo, portanto, a Língua Gestual como Língua materna ou sequer como referência quotidiana familiar. O empenhamento dos pais e a articulação escola- família são, neste contexto, aspectos a realçar.

Foi igualmente abordada, nestas reuniões, a formação de professores para o trabalho específico no âmbito da surdez. Existe uma preocupação particular com a formação de especialistas. Face às alterações dos últimos anos, ao nível da colocação de docentes de apoio educativo (privilegiando a área da deficiência mental / motora) e dos próprios cursos de especialização verifica-se um decréscimo significativo no número de docentes que escolhem esta área na sua formação especializada.

Esta situação tende a agravar-se com a extinção dos Cursos de Estudos Superiores Especializados em Educação Especial.

Mesmo relativamente aos cursos realizados até ao momento, foram colocadas várias críticas face a lacunas consideradas muito importantes para o trabalho concreto.

Outra dimensão de formação tem a ver com o envolvimento dos professores do ensino regular que trabalham com estes alunos. É consensual que o seu papel é determinante no êxito do percurso escolar dos surdos. Nesta medida foi defendido que a formação deveria também abranger estes profissionais.

A existência de momentos comuns de reflexão seria extremamente importante para que todos os professores da escola se sentissem envolvidos neste trabalho, pudessem partilhar as suas dificuldades e buscar soluções conjuntas.

Nas reuniões esteve também em discussão a articulação com outras instituições, nomeadamente com a Associação de Surdos do Porto. Uma das escolas (EB 2/3 Paranhos) foi já alvo de estágios de formandos de um Curso de Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa, promovido por aquela instituição.

Foi também equacionado o intercâmbio e cooperação com escolas especiais que atendem surdos, nomeadamente o Centro António Cândido e o Instituto Araújo Porto.

Dos aspectos aqui transcritos e de outros abordados nas reuniões resultou, como bastante positivo, a possibilidade dos vários profissionais se terem encontrado e reflectido, em conjunto. Surgiu a ideia de, no ano lectivo seguinte, eles serem formalizados e sistematizados.

2- Por Escola

Para além dos aspectos globais atrás referidos importa analisar, no âmbito da proposta de criação desta UAS a situação específica de cada uma das escolas que apoia surdos.

Assim, ir-se-á, de seguida, traçar alguns dados de caracterização do Jardim de Infância do Carriçal, Escolas EB 1 n.º 73, 97 e 149, Escola EB 2/3 de Paranhos e Escolas Secundárias Infante D. Henrique e Soares dos Reis.

Esses dados dizem respeito ao ano lectivo 1999/ 2000.

2.1- Jardim de Infância do Carriçal

O Centro Social do Carriçal- creche e Jardim de Infância- pertence à Obra Diocesana de Promoção Social e fica geograficamente situado entre o Bairro do Carriçal e o Bairro de S. Tomé, na zona periférica do Amial, na cidade do Porto. O primeiro é um bairro social camarário construído nos anos 60, o segundo, de boa construção, com espaços bem estruturados e de arquitectura mais moderna, surgiu apenas em 1975. Não se destinando originariamente a habitação social, foi ocupado por pessoas vindas das ex-colónias e por população excedentária do envelhecido Bairro do Carriçal que se encontrava sobrelotado.

Nas imediações fica o Bairro da Agra do Amial, que é social camarário, o Bairro da Azenha, de pequenas casas independentes, de renda resolúvel, construído

pela antiga Previdência e, por fim, o Bairro Monteiro dos Santos, propriedade da Santa Casa da Misericórdia do Porto, especificamente destinado ao apoio habitacional a viúvas.

Até há poucos anos, os vestígios rurais estavam ainda bem visíveis mas, actualmente, são difíceis de encontrar.

Hoje, a zona tem uma predominância de escolas de ensino superior, pois foi o local definido pelo Município para acolher o polo universitário. Nas proximidades existem duas Escolas de Ensino Secundário, três de Ensino Básico e Jardim de infância, três Jardins de Infância, uma Creche e três amas apoiadas pelo C.R.S.S. do Porto.

O Centro Social do Carriçal dispõe de uma creche que atende 35 crianças, dos 3 meses aos 2 anos, distribuídas por 3 grupos: bebés, 1 ano e 2 anos. Cada grupo tem uma educadora de infância e um auxiliar, excepto o grupo dos bebés que tem duas auxiliares. Neste grupo está integrada uma criança do sexo feminino, de 3 anos com multideficiência. É portadora de paralisia cerebral e cegueira bilateral e tem apoio educativo diário de uma educadora especializada.

O Jardim de Infância atende 75 crianças, dos 3 aos 5 anos, distribuídas por 3 grupos. No grupo dos 3 anos, está integrada uma criança da mesma idade, do sexo feminino, portadora de surdez neurossensorial moderada-severa. No grupo dos 4 anos está integrada uma criança com 5 anos, do sexo feminino, portadora de Síndrome de Down. Finalmente, no grupo dos 5 anos está integrada uma criança da mesma idade, do sexo masculino, com atraso de desenvolvimento específico. Cada grupo tem uma educadora de infância e uma auxiliar. Todas estas crianças beneficiam de apoio especializado.

2.2- Escola EB1 n.º 73

A Escola EB1 n.º 73 fica situada na Rua Dr. Adriano de Paiva, Freguesia de Paranhos, Concelho e Distrito do Porto

A escola é privilegiada pela sua localização geográfica pelo facto de se situar junto de grandes vias de comunicação.

Encontra-se nesta zona alguma agricultura e algum comércio tradicional, sendo de destacar um mercado ao ar livre que se realiza diariamente.

De salientar, ainda, a população não activa, numerosa, em especial a terceira idade que se tem mostrado importante na concretização de algumas actividades no projecto da escola.

Nesta área encontram-se algumas moradias, construção horizontal e também zonas degradadas.

O nível sócio- económico das crianças é ou médio / elevado ou bastante baixo. Existem algumas situações com graves problemas sociais, nomeadamente, as crianças da Obra Social das Candeias que foram abandonadas pela família ou têm uma família sem condições para cuidarem delas. Outra parte da população escolar, são crianças que passam muitas horas nos A.T.L., dado pertencerem a famílias que não dispõem de tempo para as apoiarem.

Registam-se casos esporádicos de pobreza que, embora poucos, não deixam de ser preocupantes.

Quanto à Escola n.º 73, o edifício é do tipo Centenário Urbano de dois pisos ligados por uma escadaria. Existem 10 salas de aula com mobiliário razoável e casas de banho dos dois sexos. A Biblioteca tem espaço próprio, existe um salão polivalente e dois gabinetes destinados à Médica Escolar, Psicóloga e Professores. A área de recreio é grande e tem uma parte coberta.

Frequentam esta escola cerca de 160 alunos, distribuídos por 9 turmas em horário normal: duas de 1º ano, duas de 2º ano, duas de 3º e duas de 4º ano e uma especial de deficientes auditivos em regime de desdobramento.

O pessoal docente é constituído por 12 professoras, sendo 10 do Quadro Geral e 2 do Quadro de Vinculação Distrital. Nove professoras são responsáveis por turmas de alunos, uma dá apoio a crianças com N.E.E., uma faz serviços técnico / pedagógicos e outra serviços administrativos.

As Auxiliares de Acção Educativa são 4, sendo uma do quadro, duas contratadas a prazo e uma tarefaira.

Vários alunos beneficiam de apoio educativo. No âmbito específico da surdez iniciou-se em 1999/2000, uma turma constituída por 7 alunos surdos oriundos de uma Escola Especial (Centro António Cândido).

Esta escola possui diverso material didáctico e audiovisual que se encontra disponível na sala de recursos.

Existe um Associação de Pais, em fase de legalização, que reúne quando necessário para colaborar e superar carências da Escola.

2.3- Escola EB1 n.º 97

A Escola EB1 n.º 97 fica situada na freguesia de Massarelos, perto da Boavista. O meio local circundante caracteriza-se por ser um meio urbano, numa zona desenvolvida e muito movimentada, onde para além dos edifícios habitacionais proliferam os Centros Comerciais, os Bancos, Restaurantes, Serviços Públicos e Hotéis.

Nesta freguesia englobam-se recintos de verdadeiro interesse para a população escolar e habitacional tais como o Palácio de Cristal, Quinta da Macieirinha, Museu do Carro Eléctrico, Museu dos Transportes, Teatro.

A Escola é constituída por dois edifícios de modelo plano centenário construídos em alvenaria, de dois pisos cada e com seis salas em cada piso.

Destas salas, sete são usadas como salas de aulas, uma funciona como sala de professores, outra está cedida à Associação “Ensinar é Investigar”. Existe ainda uma Biblioteca que funciona, igualmente, como sala de reuniões, um espaço polivalente, de construção recente, para a prática de Educação Física, actividades festivas e exposições, uma sala para o desenvolvimento de actividades ligadas à Educação Musical, uma sala onde funciona a Secretaria e o Gabinete da Comissão Executiva Instaladora.

O recreio da Escola é amplo, com árvores, mas não está estruturado para a prática de diferentes actividades lúdicas e adaptadas às diferentes idades.

Entre os dois edifícios referenciados existe um outro, térreo, construído em 1974/ 75, revestido a madeira e pavimento em mosaico. Este edifício destinado a cantina não funciona como tal, em virtude de não estar dotado de meios humanos e materiais.

A população escolar, constituída por 274 alunos, é formada por três grupos:

a)- crianças que vivem na Zona de Vilar, em casas antigas (tipo “ilha”), numa Cooperativa de Habitação ou no Bairro do Bom Sucesso. Estas crianças provêm na sua maioria de famílias com graves carências económicas, algumas delas com um agregado familiar numeroso e conseqüentemente com grande instabilidade social.

b)- crianças que habitam edifícios/ prédios das ruas que circundam a escola, com maior facilidade de acesso à cultura e ao desporto em conseqüência do poder económico de que desfrutam

c)- um número muito significativo de alunos que, embora habitem nos arredores do Porto, deslocam-se com a família, diariamente para esta zona da cidade onde os pais trabalham. São alunos que habitualmente saem muito cedo e chegam muito tarde a casa, passando o dia na escola e no ATL.

Os recursos humanos disponíveis são constituídos por 13 professores com turma, 3 professoras sem funções docentes por estarem na Comissão Executiva Instaladora, 1 monitora responsável pelo apoio à área da Expressão Musical, 4 professoras de apoio educativo (3 para deficiência auditiva e 1 para outras situações), 3 professoras ao abrigo do artigo 121º, 4 auxiliares de acção educativa e 2 funcionários da Secretaria.

São apoiadas 13 crianças com deficiência auditiva e surdez distribuídas por 6 turmas reduzidas, no turno da manhã. Destes, 6 encontram-se em regime de internato no Instituto Araújo Porto, regressando às respectivas famílias apenas ao fim de semana. Das restantes, 4 frequentam este estabelecimento em externato e 2 não têm qualquer relação com ele. Assim, 10 alunos frequentam

para além das aulas regulares na Escola n.º 97 actividades complementares, durante a tarde, no Instituto Araújo Porto.

O modelo de apoio educativo praticado, com o acordo dos professores do ensino regular, baseia-se no apoio directo, dentro da sala de aula, tanto a alunos surdos como aos professores titulares de turma. Essencialmente assume-se o papel de intérpretes/ facilitadores da comunicação tanto entre os pares como com os docentes do ensino regular, de forma a promover um progressivo incremento das suas inter-relações. Visa ainda reforçar as aprendizagens curriculares, promover a aprendizagem do código escrito da Língua Portuguesa e a sua relação com a Língua Gestual.

2.4- Escola EB1 n.º 149

A Escola EB1 n.º 149 está situada na freguesia de Cedofeita (Rua de Pinheiro, 4) e encontra-se integrada na baixa antiga da cidade do Porto. É aí que mora a maior parte dos alunos distribuindo-se pelas Rua do Pinheiro, Rua do Almada, Rua Mártires da Liberdade, Rua da Picaria, entre outras.

Sendo predominantemente uma zona comercial, o conjunto onde se integra a Escola inclui, ainda que em menor número, algumas indústrias e bastantes habitações residenciais.

Do ponto de vista social a zona envolvente caracteriza-se por um nível elevado de prostituição, alcoolismo e toxicodependência, o que origina instabilidade familiar com reflexos no comportamento e aprendizagem dos alunos.

Assim, de uma forma geral, o nível sócio- económico da população é médio-baixo e baixo.

A Escola EB1 n.º 149 encontra-se em estado de extrema degradação física, estando instalada, de forma “provisória”, há cerca de 5 anos num espaço cedido pelo Centro de Tempos Livres da Associação de Moradores da Ex-Escola Académica. O espaço ocupado é, por conseguinte, muito precário e diminuto face às necessidades.

Vários alunos beneficiam de apoio educativo nomeadamente 1 aluno com deficiência mental moderada, 2 alunos com deficiência mental ligeira e um aluno com problemas graves de comportamento. Ao nível da surdez são apoiados 2 alunos tendo um deles surdez profunda e o outro surdez severo-profunda. O apoio a estes alunos compreende uma vertente directa com o aluno e outra indirecta de contactos com o professor de ensino regular e contactos com outras escolas.

2.5- Escola EB 2/3 Paranhos

A Escola EB 2/3 Paranhos situa-se na Rua Augusto Lessa, freguesia de Paranhos e funciona desde 1979.

A Escola dispõe de um Projecto Educativo que visa dar unidade e sentido adequado de respostas à globalidade dos alunos, população fortemente heterogénea, o que tem vindo a ser uma constante ao longo de vários anos, acarretando cuidados acentuados no entendimento e prática da filosofia da escola inclusiva e compreensiva. Tem sido habitual a existência de alunos com handicaps diversos, destacando-se o elevado número de deficientes auditivos, totalizando cerca de 1000 os que já a frequentaram.

Em consequência deste quadro de alunos, as linhas de força pedagógico-educativa articulam-se com a existência de vários sub- Projectos, tais como: Currículos Alternativos, Gestão Flexível dos Currículos, Integração, Qualidade XXI, Clube Ambiental, para além de diversos Clubes.

Desde o seu início, a Escola vem sendo procurada por alunos surdos oriundos desta área geográfica, de toda a cidade do Porto, dos concelhos limítrofes e ainda de outros distritos, mais a Norte ou ao Centro. Este facto ocasiona uma estreita colaboração da parte das Instituições de Acolhimento, nomeadamente do Centro António Cândido e do Instituto Araújo Porto no que respeita ao alojamento dos alunos provenientes de localidades mais distantes.

No ano lectivo de 1999/ 2000, a Escola é frequentada por 890 alunos, 38 dos quais são deficientes auditivos, havendo 120 professores, dos quais 35 estão envolvidos no trabalho de ensino/ aprendizagem deste tipo de alunos. Destaca-se que entre os professores a trabalhar com os alunos surdos, há 5 professores de Apoio Educativo, que ocupam o seu tempo lectivo, essencialmente, em aulas directas nas turmas de surdos, embora haja algumas situações onde disponham de algum tempo para apoio mais individualizado.

Os alunos deficientes auditivos são 38, sendo 14 rapazes e 24 raparigas, distribuídos por 7 turmas, sendo 3 do 2º Ciclo e 4 do 3º Ciclo.

Estes alunos frequentam, em integração plena, as aulas de Educação Física, Educação Visual e de Educação Tecnológica, e em classe especial as outras disciplinas de carácter teórico, havendo ainda algumas situações de integração flexível.

2.6- Escola Secundária Infante D. Henrique

A Escola Secundária Infante D. Henrique localiza-se numa zona central do Porto- Largo Alexandre Sá Pinto, pertencendo à freguesia de Massarelos.

O estrato sócio- económico dos alunos desta Escola é muito variado e difícil de caracterizar. Na realidade, a maioria dos seus alunos não vive nas imediações da Escola, o que dificulta a sua caracterização sócio- cultural. A Escola é procurada por vários motivos: os cursos que oferece, os empregos dos pais, a tradição e no caso dos alunos surdos por ter sido, durante muitos anos, a única escola do Ensino Secundário da cidade do Porto que os acolhia. Nesta Escola são leccionados o 3º Ciclo e o ensino Secundário. Actualmente, neste nível, estão em funcionamento todos os cursos do 1º Agrupamento e o Curso Tecnológico de Design do 2º Agrupamento.

O Curso Tecnológico de Informática funciona exclusivamente para alunos surdos. Existe, ainda, uma turma apenas com duas alunas surdas, do Curso Técnico de Informática criado pelos Despachos Normativos n.º 271/ 91 de 18 de Novembro e n.º 480/ 94 de 15 de Julho e que se encontra em extinção.

Foram criados, neste ano lectivo, dois cursos de “9º ano + 1”, um na área de Mecânica e outro na área da Química que não chegaram a abrir por falta de inscrições.

O quadro docente da Escola é constituído por 140 professores, sendo a maioria portadores de habilitação profissional própria para a docência e pertencentes ao Quadro de Nomeação Definitiva.

Leccionam, nesta Escola, duas professoras de apoio educativo especializadas, na situação de destacamento.

Existe também um Gabinete de Psicologia cujo funcionamento é assegurado por uma Psicóloga e por estagiários. Este Gabinete, além da orientação profissional, junto dos alunos do 9º ano, dá também apoio psicológico individual a alunos que dele necessitem.

Actualmente a Escola Secundária Infante D. Henrique é frequentada por cerca de 815 alunos todos em regime diurno sendo 263 do 3º Ciclo e 552 do Ensino Secundário.

São apoiados 27 alunos com necessidades educativas especiais, sendo dois com dificuldades de aprendizagem e os restantes com deficiência auditiva, na sua maioria com surdez profunda.

Estes 25 alunos estão distribuídos por vários cursos:

- 2- 10º ano do Curso Tecnológico de Electrotecnia/ Electrónica
- 4- 10º ano do Curso Tecnológico de Informática
- 1- 11º ano do Curso Tecnológico de Electrotecnia/ Electrónica
- 4- 11º ano do Curso Tecnológico de Informática
- 12- 12º ano- Curso Tecnológico de Informática
- 2- no ano 5 do Curso Técnico de Informática

2.7- Escola Secundária Soares dos Reis

A Escola Secundária de Soares dos Reis é uma escola especializada em ensino artístico que se situa na Rua Firmeza, na zona central/ oriental da cidade do Porto.

Este estabelecimento de ensino ministra, actualmente, 7 cursos: Curso Geral de Artes Visuais, Curso de Artes Gráficas, Curso de Cerâmica, Curso de Equipamento, Curso de Imagens e Comunicação, Curso de Ourivesaria e Curso de Têxteis.

No que se refere ao contexto sócio- cultural pode-se dizer que face ao carácter especializado da escola este se revela extremamente abrangente atingindo uma larga faixa populacional (inclusiva de fora da área metropolitana do Porto) de estratos económicos muito diversificados.

O corpo docente é composto por 160 professores, na sua maioria profissionalizados e pertencentes ao seu Quadro. A Escola dispõe também de Serviços de Psicologia e Orientação.

O quadro de funcionários é composto por 32 auxiliares de acção educativa e técnicos administrativos.

Frequentam a Escola cerca de 900 alunos repartindo-se pelos cursos já citados frequentando o Ensino Secundário (10º, 11º e 12º anos) no regime diurno e o sistema por unidades capitalizáveis, vulgo “ensino recorrente”, em regime nocturno.

De momento são apoiados por um professor de apoio não especializado 13 alunos dos quais 3 com deficiência auditiva. Destes um encontra-se no 12º ano e 2 alunos no 11º ano. Estão integrados a tempo inteiro em turmas do ensino regular.

As principais lacunas prendem-se com a carência geral de espaços dado a escola estar instalada, desde 1927, numa antiga fábrica de chapéus, e de as últimas obras de ampliação das suas instalações terem ocorrido em 1957.

Assim, por exemplo, não há um espaço para os apoios educativos.

PROPOSTA DE UAS

1- Estrutura organizativa

- 1- Com base na análise da realidade existente em 1998/ 99 e da caracterização de cada uma das escolas, considera-se importante constituir uma Unidade de Intervenção Especializada em deficiência auditiva a que se dá a designação de UAS Porto Ocidental e que a seguir vem referenciada como UAS.
- 2- Esta UAS terá como área geográfica de atendimento a correspondente à das actuais equipas de Coordenação dos Apoios Educativos Porto 42 e Porto 43, ou seja, as freguesias de Cedofeita, S. Ildefonso, Paranhos, Vitória, Massarelos, Nevogilde, Foz do Douro, Lordelo do Ouro, Aldoar e Ramalde.
- 3- Poderá ainda englobar outras escolas fora destas freguesias que por motivos justificados se entenda deverem integrar a UAS.
- 4- Na 1ª fase da sua constituição, no ano lectivo de 1999/2000, englobará o Jardim de Infância do Carriçal, as Escolas EB1 n.º 73, 97 e 149, a Escola EB 2/3 de Paranhos e as Escolas Secundárias Soares dos Reis e Infante D. Henrique.
- 5- A distribuição atrás enunciada poderá ser revista, a médio prazo, face a eventuais alterações e à preocupação com a concentração de recursos.
- 6- A UAS funciona como uma unidade autónoma transversal às duas Equipas de Coordenação embora na sua dependência directa.
- 7- A Coordenação da UAS será assumida, por acordo específico entre os elementos das duas equipas de Coordenação podendo revestir a forma de parceria ou rotatividade.
- 8- Para coadjuvar esta coordenação poderá ser designado, por consenso entre as duas Equipas de Coordenação, um elemento de ligação

- 9- A fim de facilitar a articulação entre os docentes que a constituem realizar-se-á uma reunião geral de periodicidade bimensal, entre todos os elementos.
- 10- A situação descrita no ponto anterior não invalida a eventual realização de outros momentos de reflexão individuais ou colectivos.
- 11- A reunião bimensal será realizada, às terças feiras (2^a e 4^a de cada mês) das 14 h 30 às 16 h 30.
- 12- O local de realização da reunião será acordado no início de cada ano lectivo.
- 13- Estas reuniões deverão ter um carácter informativo e formativo podendo mesmo, se tal for autorizado, organizar-se em Círculos de Estudos de forma a dinamizar a discussão sobre problemas que afectam esta área de trabalho.
- 14- A UAS rege-se pelos princípios expostos no Despacho Normativo 7520/ 98 tendo em atenção a criação de respostas diversificadas de atendimento à população surda em idade pré- escolar e escolar.
- 15- De acordo com avaliação pedagógica e decisão dos encarregados de educação, os alunos surdos poderão ser encaminhados para respostas de abordagem predominantemente oralista ou gestualista.
- 16- Estas respostas a criar pela UAS poderão contemplar a integração em turmas de ouvintes (plena, parcial ou flexível) ou a constituição de turmas só de surdos.

2- Recursos humanos necessários

- 1- A UAS Porto Ocidental agrupará, numa 1ª fase, como recursos humanos, os docentes de apoio educativo a trabalhar com crianças surdas, no ano lectivo de 1999/ 2000, nas escolas já mencionadas.
- 2- De acordo com o ponto anterior, compreende uma educadora especializada, cinco professoras do 1º ciclo especializadas, cinco professores do 2º e 3º ciclos especializados, duas professoras do Ensino Secundário especializadas e um professor do Ensino Secundário não especializado.
- 3- A UAS engloba ainda dois intérpretes de Língua Gestual Portuguesa
- 4- De acordo com as necessidades a UAS deverá ainda integrar outros recursos humanos nomeadamente terapeuta de fala/ comunicação e Mediador surdo.
- 5- Para assegurar os recursos humanos actualmente inexistentes irão ser desenvolvidos esforços junto da Direcção Regional de Educação do Norte e Associação de Surdos do Porto bem como promover a eventualidade de protocolos com o Instituto Araújo Porto e Centro António Cândido.
- 6- Em função dos alunos apoiados poderá vir a ser equacionada a eventual necessidade de existência de pessoal auxiliar de acção educativa próprio da UAS

3- Recursos materiais necessários

- 1- Os recursos materiais com que a UAS é constituída resultam da junção dos existentes nos diversos locais de apoio anteriormente citados. Estes serão inventariados e farão parte do seu património embora na responsabilidade das Equipas de Coordenação dos Apoios Educativos.
- 2- Para cumprir os seus propósitos devem ainda as diferentes escolas da UAS ser apetrechadas com material adequado à problemática da surdez nomeadamente com VISIFALA, computadores multimedia, software educativo multimedia, episcópio, entre outros.
- 3- Na sede da UAS ou espaço provisório que o represente deve ainda existir material que possibilite o registo vídeo, a sua montagem e visualização nomeadamente através de projector multimedia.
- 4- Estes equipamentos deverão ser disponibilizados pela Direcção Regional de Educação do Norte.
- 5- Deve ainda ser reforçada a verba de financiamento das Equipas de Coordenação de forma a estas poderem participar na aquisição de material diário de desgaste para apoio às crianças surdas, no âmbito da UAS.

REFLEXÃO FINAL

Com a presente proposta pretende-se formalizar a constituição de uma Unidade de Apoio a crianças e jovens surdos.

Pensa-se que tal poderá ser extremamente importante no sentido de reformular o atendimento a esta população específica.

Durante vários anos houve algum menor investimento nesta área quer ao nível da colocação de professores quer da sua formação. As responsabilidades devem ser atribuídas a diversos sectores mas criaram uma situação de indefinição que só agora parece em vias de ser resolvida.

A maior visibilidade da problemática da surdez permite que se repensem respostas educativas mais adequadas às diferenças existentes. Tal implica a concepção de modelos diversificados de atendimento que poderão ir desde a turma especial de surdos até à sua integração plena.

Acredita-se e defende-se que, para cada caso individual, entendido numa perspectiva ecológica e respeitando as opções dos pais, se deve proporcionar um conjunto vasto de opções. Não faz sentido a restrição a uma corrente ideológico/ cultural ou linguística mas sim a criação de uma abrangência de possibilidades.

No campo da surdez não há verdades feitas nem certezas duradouras. Tudo pode estar ainda em aberto e cabe também aos docentes criar novos caminhos. Nesse contexto, o seu processo de formação (auto e hetero), aliado à investigação, sobre as suas realidades, pode desempenhar um papel decisivo.

A existência de uma estrutura pedagógica como a UAS pode potenciar estas sinergias e conduzir a resultados educativos mais compensadores.